

ARTE XÁVEGA DA MEIA PRAIA

Francisco Castelo

Historial

A arte xávega é uma técnica de pesca tradicional com arte de cerco-e-arrasto e alagem para terra. A “arte” é formada por uma rede com um saco central e duas asas laterais que terminam nos *calões* (extremidades das asas), aos quais são atadas as *cordas* ou *calas*, por meio das quais se inicia a alagem da rede.

A prática desta pesca no território algarvio remonta ao domínio muçulmano já que os pescadores algarvios empregavam as redes de *chavega* (*shabaka* = rede em árabe). No entanto, o registo português mais antigo que referencia a presença destas artes de pesca no território nacional data de 1405 e é referente ao Algarve. Mais tarde, provavelmente devido à instabilidade causada pela pirataria e corso dos mouros esta actividade piscatória foi interrompida, reaparecendo no século XVIII vinda das costas da Catalunha para as do Algarve e concentrando-se especialmente na zona de Monte Gordo.

Paralelamente, na costa Oeste esta técnica de pesca é introduzida pelos catalães, valencianos e franceses que a designam como *arte*. No Século XIX a denominação ARTE usada pelas comunidades do Norte funde-se com a denominação XÁVEGA usada pelas comunidades algarvias, adotando-se a terminologia que chega até aos nossos dias, Arte Xávega.

Silva Lopes escreve em 1841 que *“a rede de arrastar he aquella, de que mais uso se faz no Algarve, pois servindo para apanhar a sardinha, pesca toda a qualidade de peixe assim miúdo como grado (...). Esta rede com hum barco chamado calão de 500 até 600 arrobas, huma lancha chamada enviadeira, e cála, ou cordas de esparto, he o que denominão Xavega, ou Arte.”*

Até meados do século XX os registos indicam a existência de quatro xávegas a laborar em Lagos, um dos concelhos algarvios com menos xávegas em actividade no período compreendido entre 1899 e 1953. Nesse mesmo período Vila Real de Santo António é o concelho com maior registo de artes, cerca de 14, concentradas maioritariamente em Monte Gordo, situação registada desde o séc. XVIII, dada a sua proximidade a Espanha.

A actividade

A *companha* é o nome atribuído ao grupo de indivíduos envolvido nesta prática marítima. Actualmente a Arte Xávega da Meia Praia não tem companha fixa, alicerçando a sua actividade num pequeno grupo formado por indivíduos que têm maior disponibilidade (os companheiros ou camaradas), e outro grupo mais alargado (os ajudas ou ajudantes) oriundos de diversas zonas limítrofes e, até, de concelhos vizinhos. Para lançar a arte xávega é necessário reunir cerca de dezena e meia de indivíduos mas esse número tem sido largamente superado, registando-se por vezes uma participação superior a meia centena de indivíduos.

A “arte” é lançada ao mar com o apoio de uma embarcação, deixando um cabo em terra, a *banda panda*, e regressando com o outro cabo, a *banda barca*. Depois, de terra, a rede é puxada pela *companha* e *ajudantes*. Este processo, feito apenas com a força braçal, tem uma duração média de quatro horas, desde o lançar da embarcação até à arrumação da zona de trabalho. Assim, só é possível fazer um *lance* e, considerando que é necessário embarcar as redes para um novo *lance*, a arte xávega só é lançada, no máximo, duas vezes por semana; sempre ao nascer do Sol e com a maré baixa.

A arte xávega praticada na Meia Praia sempre teve grande importância devido às dinâmicas socioculturais e económicas de natureza cooperativista que estabelece. Os indivíduos que participam nesta actividade enquadram-se em duas tipologias: os *companheiros* ou *camaradas* e os *ajudantes* ou *ajudas*. No primeiro grupo estão os indivíduos que desempenham funções específicas, no segundo grupo enquadram-se todos os que aparecem no dia da pesca para ajudar nas tarefas da faina.

É o mestre, e *arraís* da embarcação, que detém os conhecimentos mais completos, resultantes da experiência acumulada e, também, herdados de pescadores mais velhos. Em termos gerais é um grupo heterogéneo, composto por homens e mulheres de idades muito variadas e de diferentes grupos socioprofissionais, muitos deles já na reforma/aposentação. Participam nesta actividade para não deixar morrer a tradição, pelo breve mas intenso convívio, e pelo prazer que retiram de uma actividade colectora que os coloca como protagonistas directos da sua subsistência, pois no fim levam o seu quinhão de peixe devido pela cooperação na faina.

A tripulação da lancha é formada pelo mestre (*arraís*), que decide onde largar a rede, o *calador*, que ajuda o mestre a largar a rede, e um terceiro tripulante que é o remador. Estes ajudantes do *arraís* são escolhidos de entre os elementos da companhia no momento da saída para o mar.

A arte é sempre lançada de Oeste para Este. Assim que entra no mar segue em linha recta, perpendicular à costa, largando o cabo até à rede, então abrandam a marcha para prender uma boia (esférica e cor-de-laranja) à rede, e mudam a direção para Este, lançando a rede. Com o regresso da embarcação e a entrega do cabo da *banda barca*, começa a alagem da arte. Homens e mulheres, jovens e idosos distribuem-se pelas duas *bandas* e vão puxando a arte, usando o seu cinto (*tirante*) que tracionam aos cabos. A rede é puxada para o areal desta forma: os dois lados em simultâneo e a par, tendo as boias de sinalização como marca de orientação do alinhamento da rede. Para além dessas boias, os cabos têm marcas. Quando se inicia o processo de alagem a distância entre as *bandas* é grande, mas com o alar da rede, as *bandas* vão-se aproximando até ficarem com a mesma largura da boca do *saco*.

A alagem é feita com movimentos repetitivos e cadenciados. Junto ao mar, os *companheiros* e *ajudantes* enrolam os *tirantes* ao cabo e iniciam a caminhada, em fila, puxando a rede até chegarem perto do companheiro que se encontra no ponto fixo recebendo o cabo ou a rede. Aqui chegado, cada participante liberta o *tirante* e repete a tarefa até à chegada da *boca do saco*. Depois do cabo, da *banda panda* ou da *banda barca* (cujo comprimento varia, mas que normalmente não excede os 500 metros), chegam os *calões* e depois a rede. Quase no final todos acorrem a agarrar o *saco* e puxá-lo para terra.

Finalmente, depositado o *saco* no areal aí é aberto para retirar o pescado. Ali perto já haviam sido colocadas as caixas para recolher e transportar o peixe para outra zona onde irá ser escolhido e separado por categorias e espécies: cavalas, sardinhas, carapaus, peixe de escama e outros como lulas, raias, chocos, polvos. Enquanto uns executam estas tarefas, outros recolhem as redes para a zona de arrumação da arte. Em seguida é puxado o barco, fazendo-o deslizar sobre os *parais*, até à sua zona de arrumação, tarefa árdua frequentemente dificultada pela inclinação do areal episodicamente aumentada pelos temporais.

Na escolha e divisão do pescado, o peixe com maior valor vai para a Lota, sendo separados uns quinhões para o mestre e os *companheiros* envolvidos nas tarefas preparatórias realizadas nos dias anteriores: reparar o barco, remendar a rede, encharcar o barco para as tábuas incharem, embarcar a arte. O restante peixe é repartido pelos indivíduos envolvidos no *lance*. A *companha* dispõe-se em *roda* e um *companheiro* mais experiente distribui o peixe pelos participantes.